

# **SEMINÁRIO**

## **O MEGALITISMO**

### **NO CENTRO DE PORTUGAL**



**20 a 22 de Novembro**

**1992**

**MANGUALDE**

### **ÁREA DOS RECURSOS HUMANOS**

- . Recrutamento e Seleção
  - Busca por Anúncio
  - Busca Directa
  - Bolsa de Emprego
- . Definição e Análise de Funções
- . Avaliação de Desempenho
- . Gestão Previsional de Efectivos
- . Programas de Motivação, Liderança e Comunicação

### **ÁREA DA ECONOMIA E GESTÃO**

- . Estudos de Viabilidade Técnico-Económica
- . Estudos de Mercado
- . Implementação de Projectos de Investimento
- . Projectos de Cooperação CEE / ACP
- . Relações Comerciais com os PALOP's
- . Apoio na Organização e Gestão de Empresas
  - Contabilidade, Fiscalidade, Gestão Financeira

### **ÁREA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

- . Levantamento de Necessidades
- . Elaboração de "dossiers" de Candidatura e de Saldo
- . Organização e Realização de Projectos
- . Gestão Técnico-Pedagógica e Financeira
- . Avaliação de Resultados



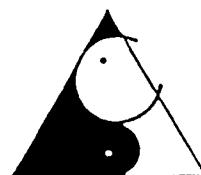
**EUROCENRO**  
consultores de gestão,  
formação e desenvolvimento, lda.

Largo Pedro Álvares Cabral, 10 - 3530 MANGUALDE  
Tel.(032) 611860 - 611869 - 611881 - 611893 Fax (032) 611213  
R. Dr. António Vasconcelos, 21-1º Tel 26380 - 3000 COIMBRA

## **CENTRO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA COMPUTORIZADA**

### **DIAGNÓSTICO PSICOLÓGICO E AVALIAÇÃO DE PERFORMANCES SENSÓRIO-MOTORAS**

- . Segurança Rodoviária (Tráfego)
- . Segurança Industrial
- . Orientação Escolar/Profissional
- . Psicologia Clínica
- . Psicologia Forense
- . Medicina Desportiva e de Reabilitação



**CONSISTOR**

Consultores de Sistemas Humanos, Lda.

Rua Dr. António Vasconcelos, 21 - 1º Andar - Tel (032) 26380 - Fax 38484 - 3000 COIMBRA  
Largo Pedro Álvares Cabral, 10 - Tel (032) 611860 / 69 / 81 - Fax 611213 - 3530 MANGUALDE

**SEMINÁRIO**  
**O Megalitismo no Centro de Portugal**  
**— novos dados, problemática e relações com outras áreas  
peninsulares**

(Mangualde, 20 a 22 de Novembro de 1992)

**DOCUMENTAÇÃO**

organização  
**Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta**

**Patrocínio**  
**Câmara Municipal de Mangualde**

**Colaboração**

Museu Reg. de Arqueologia D. Diogo de Sousa (Braga)  
Instituto de Antropologia da Fac. de Ciências do Porto  
Museu de Grão Vasco (Viseu)  
Associação Cultural "Azurara da Beira" (Mangualde)  
Associação Cultural "Amigos da Beira" (Viseu)  
Complexo Paroquial de Mangualde  
SIMAC, S.A. (Braga, Porto, Guarda)  
Câmara Municipal de Viseu  
Câmara Municipal de Penedono

**Apoios**

Governo Civil do Distrito de Viseu  
Região de Turismo Dão-Lafões  
Instituto da Juventude (Viseu)  
Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica  
Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo  
Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Mangualde  
Instituto de Arqueologia da Fac. de Letras de Coimbra  
Complexo Turístico da Senhora do Castelo

**Comissão Organizadora**

Domingos J. da Cruz  
Luís Filipe Coutinho Gomes  
Pedro M. Sobral de Carvalho  
Raquel Vilaça  
Ana Isabel Sá Ferreira Pipa  
Aurora P. T. Sobral de Carvalho  
Ana Maria C. Leite da Cunha

**Secretariado**

Alberto Manuel Metelo Coimbra  
Isabel Martins Rei  
Jorge Manuel Figueiredo Teixeira

**Comunicação social**

Sofia Maria Nogueira Barba Meneses

*Fotocomposição, Montagem, Gravuras e Impressão*  
EDEN GRÁFICO, LDA.  
Rua dos Casimiros, 5 a 21 — Telefs. 42 50 32 — 42 50 48 — Telefax 42 26 17  
APARTADO 47 — 3501 VISEU Codex

Edição do Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta  
Pessoa colectiva 502729805  
sede provisória: Aguiar 2000, lote A, 1º, F - 3500 VISEU

## *Apresentação*

A importância arqueológica da Beira Alta é conhecida, particularmente no que diz respeito aos monumentos megalíticos.

Assiste-se, por outro lado, à intensificação dos trabalhos arqueológicos na região. Interessava, assim, a realização de uma reunião científica cujo objectivo fosse fazer o ponto da situação dos nossos conhecimentos, fomentar a divulgação de novos dados, permitir a troca de experiências com investigadores de outras áreas da Península Ibérica, numa ampla reflexão a nível trans-regional.

O Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal" nasce dessa vontade, gerada no seio do Centro de Estudos Pré-históricos da Beira, instituição recentemente fundada, para congregar os esforços, mais ou menos individualizados, de jovens investigadores que, há já alguns anos, aqui trabalham.

Mas a sua realização muito fica a dever às instituições, oficiais e particulares, que desde o início apoiaram esta iniciativa, bem como aos numerosos investigadores e estudantes universitários que nele participam.

A Comissão Organizadora expressa publicamente, nesta oportunidade, os seus agradecimentos a quantos contribuíram, de algum modo, para a sua concretização e dá aos participantes as boas-vindas, esperando que a sua estada em Mangualde e na região da Beira Alta constitua uma agradável experiência científica, cultural e social.

*A Comissão Organizadora*

# O MEGALITISMO NO CONCELHO DE MANGUALDE

Luís Filipe Coutinho Gomes\*  
Pedro M. Sobral de Carvalho\*

Os mais antigos vestígios da ocupação humana no concelho de Mangualde remontam, talvez, aos finais do Neolítico. A comprová-lo temos os objectos de pedra lascada e polida — nomeadamente machados e percutores — que, de uma forma dispersa, se vão encontrando aqui e além. Com efeito, achados desta natureza foram feitos em Abrunhosa do Mato, Casal de Cima, Gandufe, Lobelhe do Mato, Mangualde, Quinta de Santo Amaro e Santiago de Cassurrães. O conjunto de artefactos provenientes de Abrunhosa do Mato merecem um destaque especial pois poderão relacionar-se com um *habitat* pré-histórico ou algum monumento funerário desaparecido.

Mas, será com o Megalitismo que a pré-história do concelho de Mangualde revelará a sua importância. Vários dólmens existiram, ou ainda existem, por terras de Mangualde. O mais excepcional é, sem dúvida, o Dólmen da Cunha Baixa, classificado como Monumento Nacional desde 1910. Sensivelmente a 1900 metros para sul, e já bastante arruinado, localiza-se a Orca dos Padrões, monumento de câmara poligonal e corredor, talvez, médio. Pelas redondezas outros terão existido, como sejam a Orca dos Braçais, ou do Braçal, a Orca de Gandufe, a Anta da Senhora do Castelo e a Orca de Alcafache. Sobrevivem ainda alguns topónimos que poderão relacionar-se com monumentos do género, entretanto desaparecidos.

O **Dólmen da Cunha Baixa** é um monumento de corredor diferenciado da câmara, em planta e alçado. A câmara é poligonal, tendencialmente rectangular, formada por nove esteios, estando o de cabeceira ladeado por dois outros mais estreitos e altos. O corredor é longo e aberto a SE. Aspecto menos comum é o esteio em forma de pilar que delimita a câmara do corredor. O interior da câmara era lajeado. Já não apresenta vestígios de mamoia.

Relativamente a manifestações artísticas, sabia-se da existência de "covinhas" na laje de cobertura da câmara, bem como vestígios de pinturas a vermelho, ainda visíveis na década de 30, na laje de cabeceira. No decorrer dos trabalhos arqueológicos tidos em 1987 foram, entretanto, identificadas mais algumas gravuras, quer na câmara, quer no próprio corredor.

O espólio exumado é constituído por quatro machados de pedra polida, em anfibolito, um percutor, em quartzito, uma conta de colar, em xisto, oito lâminas e dez micrólitos — sete trapézios, dois triângulos e um crescente —, em silex, alguns fragmentos cerâmicos — um deles decorado —, seixos rolados, pedaços de ocre e um pequeno fragmento metálico, de cobre com elevado teor de arsénio.

RESTAURANTE  
PASTELARIA

• CAFÉ MODERNO •

LARGO DR. DOUTO, 85 • 3530 MANGUALDE • TELEFONE 62 29 41 / 61 19 98

\* Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta.

## **PROGRAMA**

**20 de Novembro**

8,30 horas - Recepção dos participantes e entrega de documentação.

9,00 horas - **Sessão de abertura**

### **1<sup>a</sup> sessão de trabalho**

10,00 horas - Conferência "**Megalitismo, habitat e sociedades: a bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c. 5200-3000 BP)**", por João Carlos Senna Martinez (Fac. de Letras da Univ. de Lisboa).

10,45 horas - Intervalo.

11,05 horas - "A Orca 1 do Ameal (Carregal do Sal, Viseu)", por J. M. Quintã Ventura.

11,30 horas - "A Orca do Santo Tisco: resultados preliminares da campanha 1", por J. C. Senna Martinez (Fac. de Letras da Univ. de Lisboa).

11,55 horas - "O habitat das Carriceiras (Carregal do Sal): notícia preliminar", por J. C. Senna Martinez (Fac. de Letras da Univ. de Lisboa) e Isabel M<sup>a</sup> Alves Estevinha.

12,20 horas - "O Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira Guarda): novas datações de Carbono 14", por Domingos J. da Cruz e Raquel Vilaça (Fac. de Letras da Univ. de Coimbra).

12,30 horas - Debate.

13,00 horas - Almoço.

### **2<sup>a</sup> sessão de trabalho**

15,00 horas - Conferência "**Novedades sobre la cultura megalítica en la Submeseta Norte española**", por Germán Delibes de Castro (Fac. de Filosofia e Letras da Univ. de Valladolid).

15,45 horas - Intervalo.

16,15 horas - "Últimas novedades en torno el Megalitismo en el NE. Peninsular", por Miquel Cura Morera e Rosó Vilardell (Institut d'Arqueologia i Prehistòria de la Universitat de Barcelona).

16,45 horas - "El Megalitismo en Cantabria: una aproximación espacial", por Jesús Ruiz Cobo e Agustín Díez Castillo (Deptº de Ciências Históricas de la Universidad de Cantabria).

17,10 horas - "El túmulo de Vedro Vello: cuestiones acerca del Megalítico final de la Galicia Interior", por Ramón Fábregas Valcarce (Universidad de Santiago de Compostela).

17,45 horas - Debate.

19,00 horas - Jantar.

### **3<sup>a</sup> sessão de trabalho**

21,00 horas - Conferência "**O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: novas perspectivas de investigação**", por Victor dos Santos Gonçalves (Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa).

21,45 horas - "O Megalitismo no Ribatejo Norte", por Luís Miguel Oosterbeek (Escola Superior de Tecnologia de Tomar).

22,10 horas - "Aspectos do Megalitismo do Crato (Norte Alentejano)", por Rui Jorge Z. Parreira (Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Évora).

22,35 horas - Debate.

**21 de Novembro, sábado**

**4<sup>a</sup> sessão de trabalho**

9,00 horas - Conferência "**Megalitismo do Norte de Portugal: o litoral minhoto**", por Eduardo Jorge Lopes da Silva (Univ. Portucalense "Infante D. Henrique").

9,45 horas - "Resultados dos trabalhos de escavação da Mamoia 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa)", por A. Huet de Bacelar Gonçalves (Instituto de Antropologia da Fac. de Ciências da Univ. do Porto).

10,10 horas - "Megalitismo na bacia de Mirandela: uma visão global", por Maria de Jesus Sanches (Fac. de Letras da Univ. do Porto).

10,35 horas - Intervalo.

10,55 horas - "As estelas de Parxubeira no contexto da arte megalítica da Península Ibérica", por Antón A. Rodríguez Casal e Anton Fernández Malde (Universidad de Santiago de Compostela).

11,20 horas - "Grabados, pinturas e ídolos en Dombate (Cabanas, A Coruña). Grupo de Viseu o Grupo Noroccidental?. Aspectos taxonómicos y cronológicos, por José María Bello Diéguez (Museo Arqueológico e Histórico, A Coruña).

11,45 horas - "La laja decorada de Os Campiños", por Félix de la Fuente Andrés (Museo de Bellas Artes, A Coruña) e Ramón Fábregas Valcarce (Universidad de Santiago de Compostela).

12,10 horas - Debate.

13,00 horas - Almoço.

**5<sup>a</sup> sessão de trabalho**

14,30 horas - Conferência "**Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico: trabalhos recentes e estado da questão**", por Mário Varela Gomes (Museus Municipais de Silves e de Montemor-o Novo).

15,00 horas - "O menir do Vale de Maria Pais (Antas, Penedono). Notícia preliminar, por Pedro M. Sobral de Carvalho e Luís Filipe Coutinho Gomes (Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta).

15,25 horas - "Novos métodos de datação da arte rupestre e possíveis aplicações ao megalitismo português - instruções para o uso", por Mila Simões de Abreu e Ludwig Jaffe (Coop. Archeologica "Le Orme dell'Uomo, Itália").

15,50 horas - Debate.

16,45 horas - Intervalo.

**6<sup>a</sup> sessão de trabalho**

17,00 horas - Conferência "**Problemática actual do megalitismo europeu: sua incidência no estudo do megalitismo português**", por Vítor Oliveira Jorge (Fac. de Letras da Univ. do Porto).

17,45 horas - "A biodegradação do granito nos monumentos megalíticos: a acção dos líquenes", por Andrea Rattazi (Università degli Studi de Bologna) e Paula Romão (Museu Monográfico de Conimbriga).

18,10 horas - "Processos de degradação dos monumentos megalíticos e perspectivas para a sua conservação", por J. Delgado Rodrigues (Laboratório Nacional de Engenharia Civil).

18,35 horas - Debate.

19,00 horas - Intervalo.

19,30 horas - Conclusões.

**programa cultural:**

22,30 horas — Grupo de Cantares da Associação Cultural "Azurara da Beira" (Mangualde).

**22 de Novembro, Domingo**

**Visita guiada:** manhã — Viseu (partida, às 7,30 horas, do Seminário Maior) - Mangualde (às 8,00 horas, no Lgº da Câmara Municipal) (Dólmen da Cunha Baixa) - Fornos de Algodres (Dólmen da Matança e/ou de Cortiçô) - Aguiar da Beira — Sernancelhe ( visita facultativa à igreja românica). Almoço em Sernancelhe; tarde — Sernancelhe - Penedono (Menir do Vale de Maria Pais, Dólmen da Capela da Srª do Monte e/ou Dólmen 1 de Lameira de Cima, visita facultativa ao Castelo de Penedono). Regresso a Mangualde, por Viseu.

**No período de funcionamento da reunião:**

Exposição Documental sobre Megalitismo da Beira Alta.

Feira do Livro Arqueológico.

Aplicação das Tecnologias da Informação à Museologia e à Arqueologia.

# **CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE MANGUALDE**

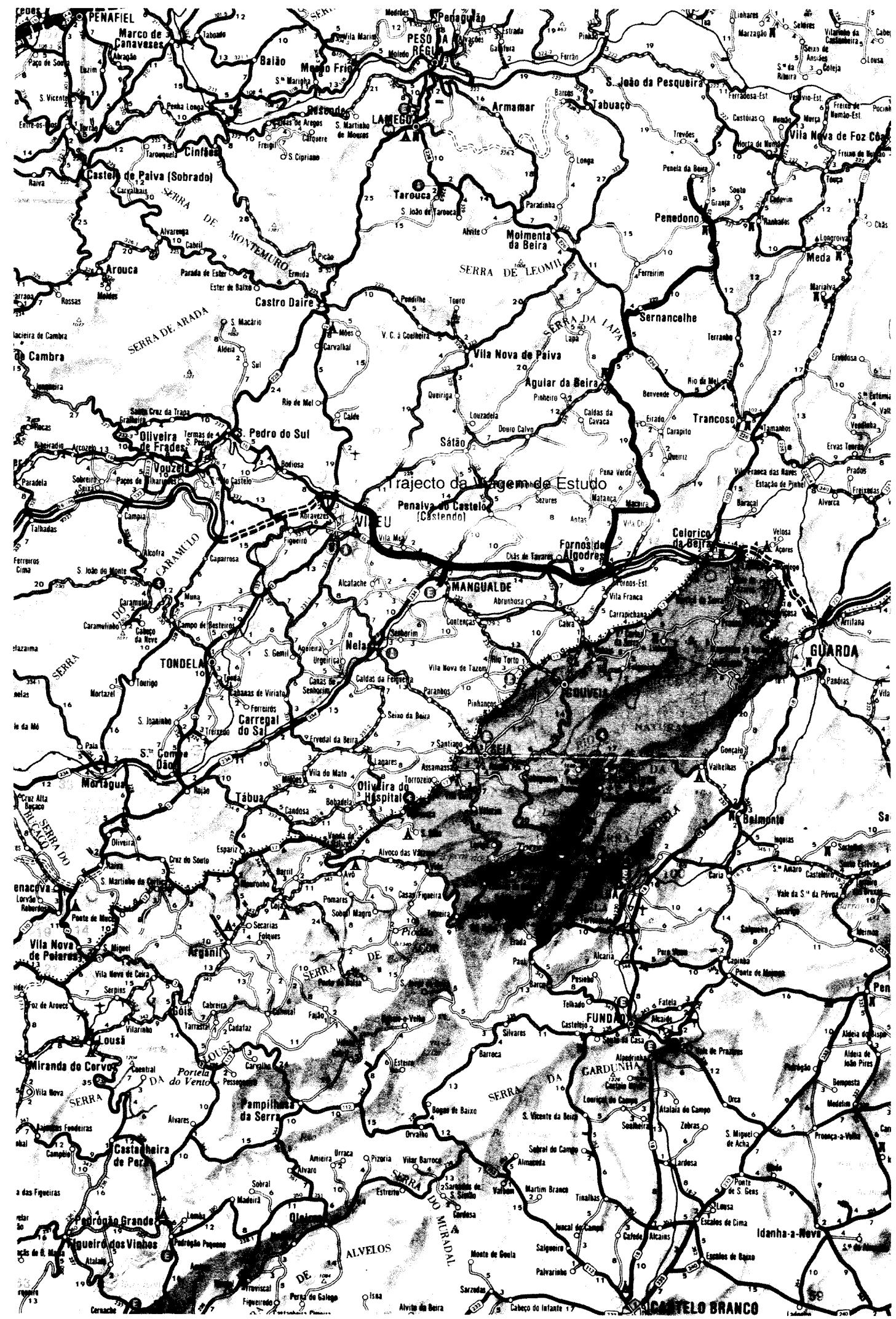
**DEPÓSITOS E EMPRÉSTIMOS NAS MELHORES TAXAS DE JURO**



**CADA VEZ MAIS  
O SEU BANCO**

Telef.: (032) 62 36 04 / 61 12 39  
Fax: (032) 62 30 90

Av. da Liberdade, 62-64  
3530 MANGUALDE



## **CONFERÊNCIAS**

**Megalitismo, habitat e sociedades: a bacia do Médio e Alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c.5200-3000 BP).**

João Carlos Senna Martinez

(Fac. de Letras da Univ. de Lisboa).

**Novedades sobre la cultura megalítica en la Submeseta Norte española.**

Germán Delibes de Castro

(Fac. de Filosofía e Letras da Univ. de Valladolid).

**O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: novas perspectivas de investigação.**

Victor dos Santos Gonçalves

(Fac. de Letras da Univ. de Lisboa).

**Megalitismo do Norte de Portugal: o litoral minhoto.**

Eduardo Jorge Lopes da Silva

(Universidade Portucalense "Infante D. Henrique").

**Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico: trabalhos recentes e estado da questão.**

Mário Varela Gomes

(Museus Municipais de Silves e de Montemor-o-Novo).

**Problemática actual do megalitismo europeu: sua incidência no estudo do megalitismo europeu.**

Vítor Oliveira Jorge

(Fac. de Letras da Univ. do Porto).

## **COMUNICAÇÕES**

— resumos —

**A Orca 1 do Ameal, Carregal do Sal, Viseu.**

José Manuel Quintã Ventura

A Orca 1 do Ameal é um pequeno monumento megalítico, situado no "planalto" do Ameal numa necrópole megalítica com, pelo menos, mais outro monumento similar, entre as povoações dos Fiais da Telha e Oliveira do Conde, concelho de Carregal do Sal, distrito de Viseu.

Foi identificado pela primeira vez na Páscoa de 1987, pela equipa do PEABMAM que reconhecia a área, apresentando-se aqui uma síntese dos trabalhos arqueológicos realizados em 1989 e 1991.

A estrutura do monumento, câmara poligonal sem corredor, com um grande esteio de cabeceira e três outros imbricados no quadrante sul e quatro no quadrante norte, com a câmara orientada a leste. Esta estrutura encontra-se encerrada numa mamoa de forma elíptica, no sentido N.-S., constituída por um contraforte interior rodeado por dois anéis concéntricos (um exterior lítico, separado do contraforte interior por um anel de terras), bem como, não obstante remeximentos diversos, os materiais recolhidos configuraram uma inserção em momentos iniciais do megalitismo regional, numa etapa coeva da apontada para monumentos similares, como sejam o de Pramelas, Canas de Senhorim.

**A Orca de Santo Tisco:**

**resultados preliminares da campanha 1(992).**

João Carlos Senna Martinez

(Fac. de Letras da Univ. de Lisboa)

José Manuel Quintã Ventura

A Orca de Santo Tisco (ORTIS) é um monumento megalítico, situado no "planalto" de Travanca, entre as povoações de Travanca de S. Tomé e de Sobral de Papízios, concelho de Carregal do Sal, distrito de Viseu. Localiza-se próximo de dois sítios de habitat cujo estudo foi, do mesmo modo, iniciado no Verão de 1992, o das Carriceiras e o do Cruzamento da Quinta Nova.

Foi identificado pela primeira vez em 1989, pela equipa do PEABMAM que reconhecia a área.

A estrutura do monumento, câmara poligonal com corredor incipiente, encerrada numa mamoa constituída por um contraforte pétreo interior rodeado por dois anéis concéntricos (um exterior lítico, separado do contraforte interior por um anel de terras), bem como, não obstante remeximentos detectados, os materiais recolhidos configuraram, aparentemente, uma inserção numa etapa de transição entre os momentos iniciais do megalitismo regional e o "Horizonte Moinhos de Vento/Ameal", numa etapa coeva da apontada para monumentos com depósitos artefactuais similares, como sejam o da Lapa de Tourais, Seia.

Apresenta-se aqui um primeiro balanço dos trabalhos efectuados durante a campanha 1(992).

## **O Sítio de Habitat das Carriceiras (Carregal do Sal): notícia preliminar.**

João Carlos Senna Martinez  
(Fac. de Letras da Univ. de Lisboa)  
Isabel Maria Alves Esteveinha

Desde 1982 que, no decurso das campanhas que vimos efectuando na nossa área de trabalho e aproveitando a nossa implantação no terreno, vimos procedendo a diversas prospecções de forma a conseguir uma melhor compreensão da integração arqueológica e espacial dos monumentos/sítios estudados.

Foi desta forma que, com o apoio local de diversos colaboradores, de que é justo destacar a figura de Horácio Manuel Peixoto, da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim, pudemos localizar diversos monumentos/sítios novos, objecto de prospecções preliminares, em estudo ou já estudados.

No Verão de 1991, aproveitando os trabalhos que efectuávamos no Habitat do Ameal VI, procedemos ao reconhecimento de diversas áreas do concelho de Carregal do Sal recém-platadas com eucalipto, tendo podido detectar, além da confirmação da situação de emergência verificada para a Orca de Santo Tisco, oportunamente comunicada ao IPPC e alvo de intervenção também em 1992, a existência de vários prováveis sítios de habitat, entre os quais o das Carriceiras, que é objecto desta nota preliminar.

O sítio das Carriceiras localiza-se na vasta área correspondente às vertentes do vale da ribeira de Cabanas, entre Carregal do Sal, Pinheiro, Sobral de Papízios e Travanca, recentemente plantada com eucalipto e em que foram abertas ou melhoradas diversas estradas florestais. Na sequência das prospecções efectuadas, localizámos diversos *Loci* em que surgiam materiais arqueológicos à superfície, tendo uma prospecção mais cuidada permitido verificar o provável interesse de dois deles, ameaçados hoje de maior destruição pelo crescimento do eucaliptal plantado.

Sito a sueste da linha que liga as orcas de Santo Tisco e Travanca, das quais dista cerca de 900 m e 500 m, respectivamente, o sítio ocupa um pequeno cabeço aplanado, pouco elevado (cota máxima 278 m), sobranceiro ao vale da ribeira de Cabanas.

Os materiais recolhidos em 1991, à superfície e numa área restrita, incluem um número significativo de lamelas, restos de talhe micro-laminar e um geométrico sobre lamela, além de alguma olaria fragmentada e, pelas suas características, conduziram a que pensássemos poder estar na presença de um sítio de habitat, talvez atribuível a um Neolítico final, ou mesmo anterior. Se tal se verificasse, tratar-se-ia do mais antigo sítio com estas características conhecido em toda a zona abrangida pelo PEABMAM.

Uma primeira intervenção, realizada em Julho de 1992, permitiu confirmar, não obstante as destruições devidas aos plantios de eucaliptos, tratar-se de um habitat neolítico, justificando esta primeira notícia.

## **O Dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Guarda): novas datações de Carbono 14.**

Domingos J. da Cruz  
Raquel Vilaça  
(Fac. de Letras da Univ. de Coimbra)

O Dólmen 1 do Carapito situa-se na margem direita do rio Carapito, na freguesia do mesmo nome, concelho de Aguiar da Beira, distrito da Guarda.

Foi escavado cientificamente, em 1966 — bem como três outros monumentos que existem nas suas imediações —, por Vera Leisner e Leonel Ribeiro [1968]. Uma nova intervenção, tendo como objectivo o seu restauro e valorização, realizou-se em 1988, sob a responsabilidade dos autores [1990].

Trata-se de um dólmen de grandes dimensões, de nove esteios, formando uma câmara de planta poligonal com 5,16 m de comprimento e 4,68 m de largura; os esteios foram colocados em fossas de assentamento abertas no areão de base — terraço de rio —, elevando-se acima deste nível 4 metros.

A intervenção mais recente permitiu ainda a recolha de algum espólio, a correcção de pormenores, ao nível da arquitectura, a detecção de vestígios de uma estrutura contrafortante da câmara e, sob esta, um nível de terra negra muito carbonosa, que os autores relacionam com os trabalhos de limpeza do sítio, com a utilização do fogo, antes da construção do monumento.

Do Dólmen 1 do Carapito são conhecidas duas datações de Carbono 14, obtidas a partir de amostras de madeira carbonizada recolhidas na camada inferior da câmara: GrN-5110: 4850±40 anos BP (base da câmara) e Hv.-s/nº: 4590±65 anos BP (da mesma camada, mas de um nível ligeiramente superior, à entrada).

Em 1988 foram recolhidas duas outras amostras, também de madeira carbonizada, distintas mas reportando-se ao mesmo contexto, na fossa de assentamento do esteio E, que datarão, com probabilidade, o momento de construção do monumento, ou pouco anterior. Divulgam-se os resultados destas análises — que

são consistentes e estatisticamente semelhantes —, obtidos em laboratórios diferentes pelo método de espectrometria de massa de iões acelerados. Neste contexto, faz-se ainda uma breve referência às datações de Carbono 14 de outros monumentos megalíticos da Beira Alta e áreas próximas.

### **Ultimas Novedades en torno el Megalitismo en el NE. Peninsular.**

Miquel Cura Morera  
Rosó Vilardell  
(Universitat de Barcelona, Dpt. de Prehistoria)

El territorio catalán ha sido considerado tradicionalmente como uno de los exponentes regionales del megalitismo peninsular, trás la difusión internacional de las síntesis del profesor Luis Pericot (1925, 1950). A partir de la década de los años setenta, se inicia una nueva etapa en los estudios del megalitismo, principalmente en referencia a los problemas en torno a sus tipologías arquitectónicas, sus inicios durante la etapa neolítica y sus relaciones con aquellas sepulturas consideradas hasta aquel momento "no megalíticas" que caracterizaban el ritual funerario del neolítico.

En esta última década, un conjunto de hallazgos y excavaciones arqueológicas permiten aportar nuevos conocimientos en torno a los inicios de los monumentos megalíticos: los "grandes túmulos complejos" y las "cámaras rectangulares neolíticas" se nos presentan como antecedentes a los "sepulcros de corredor". Es decir, la aparición de las primeras manifestaciones megalíticas se desarrollan en el interior del país desplazándose hacia la costa a fines del IV milenio a.C., mientras que a lo largo del III milenio a.C. la vía de propagación se invierte de costa hacia el interior.

Esta dualidad en los sentidos de difusión y su desfase cronológico, se corresponde a los importantes cambios culturales, que de hecho separan la fase de un Neolítico Medio asentado sobre sustrato cultural de filiación post-cardial/Montboló, con importaciones de objetos de prestigio de la órbita chassense y un Neolítico final, que el caso catalán incluiría a su vez una etapa Eneolítica, caracterizada por la presencia de unos primeros objetos metálicos foraneos.

A su vez, se detectan cambios en el ritual funerario, pasando de las inhumaciones individuales o dobles en sepulcros no reutilizables (túmulos, cámaras y primeros sepulcros de corredor), a inhumaciones sucesivas o de ritual colectivo en monumentos construidos funcionalmente a dicho fin (sepulcros de corredor, galerias cubiertas y cámaras simples reutilizables).

En el fondo se trata de un planteamiento socio-económico y cultural amplio en el seno de las comunidades autóctonas, donde las manifestaciones de su arquitectura funeraria reconocidas como el megalitismo — no dejan de ser una faceta más; poco susceptible a substituciones radicales, pero permisible a diversidades tipológicas.

### **El Megalitismo en Cantabria: una aproximación espacial.**

Jesús Ruiz Cobo\*  
Agustín Díez Castillo\*  
(Universidad de Cantabria, Deptº de Ciencias Históricas)

En la presente comunicación se aborda el estudio del megalitismo en el sector central de la Cornisa Cantábrica. A pesar de que desde comienzos de la década de los 80 se han realizado excavaciones en conjuntos megalíticos de Cantabria, las síntesis actuales siguen mostrando la zona como un vacío entre los tradicionales focos astur-galaico y vasco-pirenaico. La constatación de la uniformidad en la distribución de las estructuras megalíticas en el corredor cantábrico plantea la necesidad de revisar los modelos sobre el origen y a la difusión del fenómeno en el Norte peninsular. De este modo quedaría superada la "independencia" de los focos mencionados, estableciéndose un nuevo vector cultural a lo largo del Cantábrico. Las fechas radiocarbónicas<sup>1</sup> de que se dispone apuntan a la contemporaneidad del fenómeno megalítico en la Cornisa Cantábrica y contribuyen al conocimiento del polémico proceso de neolitización en la misma (González Morales, 1992).

Los resultados que se ofrecen son fruto de investigaciones de campo efectuadas por los autores dentro de varios Proyectos de Investigación desarrollados por el Departamento de Ciencias Históricas de la Universidad de Cantabria.

En el análisis de la información disponible se utiliza una sistemática de corte cuantitativo. Se analizan como variables: la ubicación de los conjuntos en el medio, la organización interna de los mismos y la morfometría de las estructuras consideradas de forma aislada. La unidad de estudio manejada es el conjunto o necrópolis, para su diferenciación, siempre problemática, se ha utilizado un algoritmo de distancias, intentando evitar concepciones apriorísticas. En el tratamiento de los datos se ha utilizado como técnica central el análisis de componentes principales y las técnicas propias de la cartografía automática y los Sistemas de Información Geográfica (GIS).

\* Apartado de Correos 784, Santander, E-39080.

<sup>1</sup> Hasta el momento se dispone de seis fechas radiocarbónicas de estructuras megalíticas en cuarto milenio, tres en Guipúzcoa - 5810± 290 y 5070± 140 en el dolmen de Larrarte y 5070± 140 en Trikuaiztzi I [Múgica 1992], una en Cantabria - 5195± 25 en la Peña Oviedo [Díez Castillo 1992] — y dos en Asturias — 5135± 40 y 5110± 60 en la Laguna de Niévares [Blas Cortina 1992].

Se analizan los conjuntos megalíticos en cada uno de los seis dominios ambientales que configuran la región, tratando de establecer las características peculiares de cada uno de ellos. En este sentido resulta significativa la irregular distribución de la veintena de necrópolis estudiadas que suman más de un centenar de estructuras, fundamentalmente tumulares. Esta heterogeneidad puede explicarse, en primer lugar, por la desigual atención que han merecido las diferentes zonas para los estudiosos del tema. Queda por delimitar la importancia real de otros factores, como la potencialidad económica, la naturaleza del sustrato, y/o la utilización diferencial del territorio por los grupos humanos.

Los conjuntos presentan distintos patrones de distribución para los que pueden hipotéticamente plantearse algunas implicaciones territoriales. Genéricamente, en la zona oriental de la región<sup>2</sup> el patrón es lineal extenso, abarcando las necrópolis largos cordales y con un claro carácter continuo. Esto puede indicar la explotación de amplios territorios con el corolario de una alta movilidad para los grupos de pastores. La implicación pastoril se deriva de las limitaciones de uso posible de los suelos de estas zonas, sin que ello implique una economía especializada, sino una utilización de estas áreas reducidas al pastoreo.

La comarca de Liébana, la más occidental de la región, es la que está generando mayor información tanto desde el punto de vista cualitativo, como cuantitativo. En ella la densidad de estructuras es muy superior a la media regional, el coeficiente de agrupamiento de los conjuntos es elevado. Al contrario que en el resto de la región, las estructuras se distribuyen linealmente, sino que aparecen en áreas reducidas formando grupos muy concentrados. La implicación de éste patrón en términos de redes de movilidad más probable es la limitación de los movimientos al eje Valle-Ladera lo que puede conllevar un modelo económico dual con explotación de dos paisajes bien diferenciados, dos biotopos con disponibilidades de recursos diferentes.

Los resultados del estudio de las redes y áreas de visibilidad revelan la gran complejidad de los factores que intervienen en la ubicación de las estructuras megalíticas, haciéndose necesario la utilización de criterios económicos para explicar la existencia de conjuntos con muy bajos coeficientes de visibilidad. Por contra, la utilización exclusiva de criterios simbólicos no explica satisfactoriamente la ubicación de los conjuntos estudiados.

El limitado número de excavaciones realizado impide establecer conclusiones acerca de las características morfológicas y métricas tanto de las estructuras tumulares, como de los camerales; además la experiencia ha demostrado que las apreciaciones iniciales no se confirman durante los trabajos de excavación.

La industria lítica recuperada está compuesta por: microlitos geométricos — entre los que dominan los trapecios —, grandes láminas, fracturas retocadas, raspadores, piezas de retoque continuo, fragmentos de lámina con huellas de uso y puntas de flecha de retoque bifacial - todas de forma romboidal. No faltan elementos de industria pesada: hachas pulimentadas, azuelas, yunkes, percutores y molinos de mano. Los elementos cerámicos recuperados son poco diagnósticos, destacando la presencia de fondos planos, decoraciones plásticas e incisas. No se han documentado restos óseos lo que puede relacionarse con la elevada acidez de los suelos de la región.

Los indicadores cronológicos con que se cuenta son escasos pero permiten establecer la continuidad del fenómeno megalítico durante las fases neolíticas y calcolíticas de la secuencia regional.

La datación radiocarbónica de una cista megalítica de la Peña Oviedo ( $5195 \pm 25$ ) permite establecer la utilización de zonas de montaña — la estructura está situada a 1250 m.s.n.m. — ya en el último tercio del IV milenio a.C. La localización de estructuras de hábitat en el mismo área que los megalitos permite plantear que la presencia de éstos no excluye una utilización económica de esas zonas.

### **El túmulo de Vedro Vello: cuestiones acerca del Megalítico final de la Galicia Interior.**

Ramón Fábregas Valcarce

(Fac. de Xeografía e Hist. da Univ. de Santiago)

Dase a coñecer nesta comunicación o achado de dous novos instrumentos de pedra puída, tipolóxicamente clasificables como un cincel e unha maza, no interior dunha mámoa destruída no curso de labores agrícolas. A mámoa localízase na penichaira interior de Galicia, no lugar de Vedro Vello (Castro de Rei, Lugo) e formaba parte dun grupo de 3 túmulos, dos que hoxe tan só resta ún, situados a uns 448 m. de altitude, nun dos lados dunha portela comunicando sendas brañas.

A mámoa estaba composta exclusivamente de terra e carecía de calquer estructura ortostática interna, amosando no seu núcleo téreo unha cor bermeña. As dimensións do monumento eran cativias, cun diámetro duns 13-14 m. e unha altura de 1.5 m., aproximadamente.

Os materiais asoellados apareceron no medio da terra revolta por unha máquina agrícola e ademáis das pezas de pedra puída se atopara tamén unha vasixa hemisférica sen decoración, hoxendía perdida. O cincel de pedra presenta as características típicas doutras pezas análogas: grande cumprimento (24,3 cm.), pequena largura, elaboración nunha rocha metamórfica e boa conservación. Pola súa parte a maza está elaborada nunha rocha silícica, posúe unha forma discoide e unha perfuración bitroncocónica, feita posiblemente mediante percusión bilateral.

<sup>2</sup> Esta zona es la primera de la región en que se documentaron estructuras megalíticas, pero su posición limítrofe con el País Vasco permitió que dichas estructuras se incluyeran dentro del foco vasco-pirenaico (Gorrochategui; Yarritu 1984).

As pezas atopadas no Vedro Vello pasan a integrar un xa numeroso grupo de obxets semellantes, que amosan unha concentración particularmente forte na penichaira interior de Gaicia, recorrida polo curso outo do río Miño, ou ben nas serranías inmediatas a ésta. Desgraciadamente as circunstancias de aparición dos útiles perforados non permiten excesivas seguridades, pois tan só nun caso éstes foron atopados no decurso dunha excavación científica. Porén algunas conclusións xerais pódense avanzar desde un punto de vista contextual: ese grupo de utiles non aparece en contextos domésticos e ben proceden de mámoas, ou ben aparecen isoladamente. Os tumuli carecen de grandes estruturas ortostáticas, de tipo dolmen ou sepulcro de corredor, e compone simplemente de terra ou acochan unha construción de tipo cista, suxerindo unha utilización restrinxida no tempo ou mesmo individual para esas sepulturas.

Até o momento carecemos de fechas absolutas para ningún monumento que contivese elementos perforados e para datar éstes debemos recurrir ás comparacións con materiais semellantes doutros lugares de Europa occidental e ás propias circunstancias de aparición no Noroeste. Verbo da datación doutros útiles perforados europeos, temos un abano cronolóxico que cobre desde o último tercio do IIIº milénio bc ata a primeira mitade do IIº, segun dos casos. Os tumuli galegos que forneceron esta clase de materiais son xeralmente baixos e parecen integrarse nunha regularidade que se desenvolve no Noroeste desde o Calcolítico campaniforme á Edade do Bronce, de cara á individualización creciente do fenómeno funerario tumular. Outros elementos da cultura material, como a aparición xunto a unha maza dun disco de pedra puída no túmulo de Rechaba, o cal ten paralelos en pezas atopadas en xacementos calcolíticos, virán a confirmar o noso intuíto de que os útiles pulimentados perforados pertencen a unha fase serodia, epimegalítica, do fenómeno tumular galaico.

Na nosa opinión a aparición de mazas, machados duplos oudobles aixolas no Noroeste non debe interpretarse sen máis como representando un fenómeno de importación desde outras áreas europeas con semellantes manifestacións, senón como a resultante de procesos de reestructuración ideolóxica coincidentes con modificacións de orden socioeconómica, abrangendo vastas áreas da Europa atlántica no umbral do IIº milénio bC.

## O Megalitismo no Ribatejo Norte.

Luiz Oosterbeek

(Escola Superior de Tecnología de Tomar)

Nos últimos anos temos vindo a estudar diversas evidências materiais do proceso de neolitização no Alto Ribatejo, área que se estende na confluência do Maciço Calcáreo Estremenho, com a zona centro-ibérica do Maciço Hespérico e a bacia terciária do Tejo. Os seus limites não são passíveis de uma definição geográfica rigorosa, antes se tratando de uma delimitação metodológica de um espaço diversificado, servido por uma complexa e rica rede hidrográfica, no qual se procurou registar dados arqueológicos, fundamentando sequências estratigráficas e fenómenos de convergência ou diversidade crono-cultural.

Os trabalhos até ao momento desenvolvidos permitiram identificar algumas dezenas de estações e achados isolados, reportáveis à neolitização, processo que entendemos como um conjunto de tendências para a intensificação crescente da exploração dos recursos, para o crescimento demográfico acelerado, para a complexificação das relações económicas, para a diferenciação social, para a inovação tecnológica crescente e para a elaboração de um novo *corpus* ideológico de legitimação e consolidação de todos estes mecanismos (sem que qualquer destas tendências tenha de estar forçosamente presente em cada contexto neolitizante).

Neste sentido, trata-se de um processo que arranca na Península no V milénio antes da nossa era (paralelamente a horizontes ainda mesolíticos), e se estende até ao Campaniforme, ou mesmo à Idade do Bronze. O fulcro deste processo é de ordem socio-política, e não económica ou tecnológica, sendo um processo com ritmos desiguais, mas combinados nas referidas tendências globais.

No vale do Nabão, onde se têm concentrado os nossos esforços, foram identificadas algumas dezenas de estações, em particular diversos contextos sepulcrais em gruta. Curiosamente, não existe nesta zona uma única construcción megalítica, ou contexto apparentado em cavidade. É para leste, nas margens do Zêzere, que se registam alguns monumentos megalíticos. Os trabalhos recentes num destes monumentos, a Anta 1 de Val da Laje, permitem uma revisão da articulação entre as diversas necrópoles e locais de habitat da região.

A discussão sobre os contextos registados possibilita leituras que surgem diversas vezes como contraditórias. Assim, existem indícios bastante sólidos para a caracteriza o do Neolítico Médico/Final e Calcolítico do Ribatejo Norte, como um mosaico de comunidades, experimentando solu es diferenciadas do ponto de vista econ mico, tecnológico, e sócio-ideológico.

Podemos assim delimitar alguns conjuntos:

- o conjunto do Nabão, caracterizado por tumula es individuais em recinto delimitado em gruta, na tradi o do Neolítico antigo evolucionado (Gruta do Cadaval), que no III milénio cedem lugar a enterramentos colectivos (Grutas do Cadaval, Ossos, Morgado, etc.), caracterizadas pela associa o de novos elementos (tecelagem, tipos l ticos em pedra polida, alguns motivos decorativos em cerâmica como os bordos denteados ou as caneluras leves), a uma acentuada decadência tecnológica (empobrecimento global da indústria l tica, pastas cerâmicas de qualidade "inferior"  s das fases anteriores) e uma sobrevivência de uma economia de largo espectro (ca a, pastorícia, horticultura), num quadro ambiental que possibilita a auto-suficiência (que não impede contactos para aprovisionamento de certas matérias-primas, como o anfibolito);

- o conjunto do Zêzere inferior (Antas do Val da Laje, povoados do Maxial e de Constância), definido antes de mais pela presença de importantes locais de habitat que sugerem maior sedentarismo, e pelas construções megalíticas, que não deixam de ser escassas;

- o conjunto de Alcanena/Torres Novas (Lapa da Galinha, Gruta dos Carrascos, necrópole das Lapas, Gruta da Rexaldia, ...), que no III milénio é marcado por contextos sepulcrais colectivos associados a espólio de clara afinidade megalítica, em que estão presentes os pequenos vasos lisos, por vezes almagrados, as placas de xisto e grés, as pontas de seta e micrólitos, num conjunto tipologicamente mais diversificado e tecnologicamente mais refinado do que o da zona antes referida, mas onde elementos de tradição arcaica (a que não falta uma miniatura de esférico alto da Lapa da Galinha) estão presentes;

- o conjunto representado pela Gruta da Nascente do Rio Almonda e, sobretudo, pela Lapa da Bugalheira, onde a par de elementos comuns a outros contextos, surgem elementos de suposta influência do sudeste espanhol, como as falanges de cavalo pintadas.

Seguramente, o detalhe da investigação nos próximos anos acentuará estas linhas de divergência (não sendo ainda clara, por exemplo, a "filiação" de estações como o povoado da Amoreira, junto ao Tejo, ou a estação do Pombalinho, junto a Torres Novas). Igualmente, e para além dos trabalhos do Nabão e, mais recentemente, no Zêzere, não existem contextos estratigráficos seguros. Mas esta diversidade, que referimos em maior detalhe noutra local, parece um facto.

A diversidade, contudo, não pode ocultar a existência de permeabilidade nos conjuntos observados. Desde logo, a presença em qualquer um deles de elementos comuns a outros, e mesmo a outras regiões, é uma evidência. A reduzida área de que estamos a tratar exclui a possibilidade de inexistência de conhecimento mútuo, e se tal não bastasse, a disponibilidade restrita de certas matérias-primas (sílex, anfibolito) impõe seguramente algum tipo de contacto.

Pensamos mesmo que, para além de todas as divergências ou paralelos tipológicos, há uma unidade radical de todos estes contextos, que se exprime através dos contextos sepulcrais: a transição das tumulações individuais para as colectivas. Esta unidade, aliás comum à generalidade do Mediterrâneo ocidental, encontra nesta região expressões ainda mais fortes.

É assim que se assiste, nos meados do III milénio, a uma tendência para a necropolização, que é comum aos conjuntos do Zêzere (Val da Laje, possivelmente Martinchel) e do Nabão (Canteirões), exprimindo uma mesma estratégia. Igualmente, nos casos das duas únicas estações em que, para além da estratigrafia, foi possível definir um estudo micro-espacial detalhado (Anta 1 de Val da Laje e Gruta dos Ossos), a semelhança conceptual é assinalável, se excluirmos a tipologia dos materiais associados, como detalhamos em seguida:

ANTA 1 DE VAL DA LAJE	GRUTA DOS OSSOS
Tumulação colectiva em monumento sob mamoas	Tumulação colectiva em gruta (lapa horizontal)
Domínio visual do vale agricultável e do Zêzere	Domínio visual das várzeas agricultáveis e do Nabão
Contacto visual directo com as restantes 4 antas do Val da Laje	Contacto visual directo com a Gruta do Cadaval, e indirecto com as restantes grutas num raio de 150 metros
A Anta é precedida de um átrio, de acesso com largura inferior a um metro, sugerindo acesso restrito	O ossuário é delimitado por alinhamento de blocos que define igualmente um acesso de largura ligeiramente superior a um metro, sugerindo acesso restrito
A altura do corredor na entrada, inferior a um metro, impede o acesso na posição vertical, impondo uma postura de veneração	A altura da entrada, inferior a um metro, impede o acesso na posição vertical, impondo uma postura de veneração
Deposição de objectos na entrada	Deposição de objectos na entrada

Esta unidade não tem correspondência, com referimos, noutras planos de abordagem. Mas se tomarmos em consideração a valorização idêntica que é atribuída em ambos os conjuntos às necrópoles, que ocupam um papel central na estabilidade territorial e social destas comunidades, temos de aceitar que ambas participam de um mesmo processo, ainda que com ritmos, e por meios distintos.

### Aspectos do Megalitismo do Crato. (Norte Alentejano)

Rui Parreira

(Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Évora)

Desde 1989, venho coordenando trabalhos que têm por finalidade a conservação e valorização de algumas antas dos arredores do Crato (distrito de Portalegre). Os monumentos fazem parte de um conjunto megalítico que Gonçalves designou de "Grupo dolménico Crato/Nisa". A gestão deste património e as opções que foram tomadas para a sua valorização partiram de uma revisão da bibliografia existente e do exame da documentação a que tive acesso: essencialmente os registos efectuados pelos Leisner nos anos Cinquenta, e as publicações de Agostinho Isidoro (dos anos Sessenta e Setenta) e de Vítor Gonçalves (anos Oitenta). O meu trabalho de campo — batida selectiva do terreno e inquérito oral — permitiu a observação de 49 das 94 antas até agora catalogadas, incluindo a descoberta de alguns monumentos inéditos. Tem vindo a realizar-se o levantamento topográfico das mamoas, o desenho das construções megalíticas visíveis e a cobertura fotográfica dos monumentos. Foram igualmente elaborados projectos de arranjo paisagístico e de sinalização de itinerários turístico-culturais e preparou-se para a Câmara Municipal do Crato a edição de um roteiro.

Desde o início dos trabalhos, os registos mostraram a existência de agrupamentos de megálitos ("clusters") em necrópoles e núcleos, verificando-se que o conjunto megalítico do Crato apresenta também um considerável polimorfismo de soluções arquitectónicas, com paralelos não apenas no Norte Alentejano mas igualmente noutros conjuntos megalíticos do sul e do ocidente da Península Ibérica.

As prospecções, que foram até agora selectivas, não puderam contribuir para a descoberta dos povoados correspondentes, que continuam assim completamente ausentes do registo arqueológico do Crato. Julgo por isso que não é ainda viável uma interpretação contextual satisfatória dos dados recolhidos. A pesquisa sobre os contextos de uso foi severamente limitada pelo facto de não haver escavações sistemáticas nem convenientemente registadas — excepção feita aos trabalhos de Gonçalves, que, porém, ou foram publicados preliminarmente (Penedos de S. Miguel) ou se mantêm inéditos (Tapadão). Mas perante a documentação acumulada, pareceu-me conveniente tentar ir além de um simples registo compreensivo dos sítios e procurei examinar a arquitectura e a distribuição geográfica destes megálitos.

A cartografia dos monumentos permitiu efectuar observações sobre a distribuição relativamente ao enquadramento biofísico. Os agrupamentos foram considerados no seu conjunto para inferir acerca do funcionamento dos megálitos e das adaptações culturais dos seus construtores. Esta ausência de perspectiva cronológica parece-me legitimada pela evidência de uma longa duração no uso dos túmulos megalíticos, que, pelo menos numa determinada altura da sua história, devem ter funcionado em simultâneo, num sistema coerente de necropolização (i.e., ritualização) da paisagem. Com base em dois "casos de estudo" — Vale d'Anta e Espadaneira — procurei investigar a função das antas na paisagem e testar uma hierarquia dos monumentos segundo a visibilidade e a monumentalidade (= cálculo da força de trabalho).

Os agrupamentos que pude isolar correspondem a territórios mais ou menos planos, com um coberto vegetal constituído por azinheiras, sobreiros e castanheiros, que há cinco mil anos terá sido mais denso e beneficiado de mais humidade. Com pastos excelentes, esses territórios têm sido desde há muitos séculos povoados por pastores para quem a agricultura constitui um importante complemento de subsistência.

A variedade de formas megalíticas dentro de cada agrupamento implicava o uso diferenciado dos monumentos e dos rituais a eles associados. As antas grandes de tipo alentejano (o "portugiesisches Großen Ganggrab" de Leisner 1938: 35 ou "Pavian passage grave" de Daniel 1941) ocupam uma posição "central" no território. Este aspecto foi já notado pelos Leisner em 1949. A minha hipótese é que a situação das antas grandes como "lugares centrais" das necrópoles é simbólica (hierarquia social?) mas esta é uma questão sobre a qual poderá especular-se, sobretudo enquanto permanecer desconhecido quem (e como) era colocado nestes templos funerários e enquanto ignorarmos a estrutura do povoamento.

Procurei por isso examinar a posição cronológica e cultural do conjunto megalítico do Crato relativamente aos outros conjuntos do Neolítico e Calcolítico do Ocidente peninsular. Uma vez que não vou tratar da questão do património cultural móvel, as respostas talvez possam ser obtidas considerando o "design" dos monumentos e procurando aferir o grau de transferência de informação arquitectónica entre as várias comunidades de construtores de megálitos.

A posição cultural do conjunto megalítico do Crato relativamente aos outros conjuntos de antas vizinhas parece consensual: no Norte Alentejano e na Estremadura, os conjuntos do Neolítico tardio/Calcolítico do Sever, Salavessa/Vale do Tejo, Portalegre, Alter do Chão e Valencia de Alcántara oferecem um adequado contexto. Pode identificar-se um Megalitismo Norte Alentejano, "baseado não só na existência de um mesmo módulo de construção com câmaras de sete esteios imbricados, com um esteio de cabeceira um pouco mais largo e com uma altura de 2 m nas câmaras de corredor curto e um pouco mais nas de corredor comprido, mas também na presença de uma série de artefactos que indicam a estreita relação entre o grupo" (Bueno 1988: 198).

Sendo discutível a ideia de que a disposição dos monumentos na paisagem demarcava em termos físicos o espaço de subsistência (Renfrew), parece porém que as antas encerram um simbolismo (Hodder) que era simultaneamente dirigido à própria comunidade e, por oposição, às comunidades vizinhas. Elas são a casa dos antepassados para onde se regressa no fim da vida — uma forma de ultrapassar o trauma da morte —, são a expressão não-verbal da memória comunitária, assinalam e organizam o espaço em termos simbólicos, sob o poder propiciatório dos antepassados (Chapman 1981: 98).

Seguindo esta ideia, é interessante verificar como os sepulcros megalíticos se distribuem ao longo das rotas do pastoreio transumante e como a classe morfológica da anta grande ocupa uma posição central nos "clusters". Ela obedece a um padrão arquitectónico bem definido, que aqui, entre o Crato e Valencia de Alcántara, encontra uma expressão exemplar mas que se identifica também nas Beiras, na região de Évora (ex. Anta Grande do Zambujeiro) e, evidentemente, no conjunto de Pavia-Cabeção. O uso comum desse modelo arquitectónico da anta grande resultou, a meu ver, da transferência de informação entre as diferentes pequenas comunidades ("polities") do IV e do III milénio a.C. e foi o resultado, em minha opinião, de uma competição entre comunidades de pastores-agricultores, interactivas através das rotas do pastoreio transumante. A utilização do modelo — que é provavelmente um produto de necessidades locais de design (cf. Fleming 1972; 1973) — pode ter incluído a participação de especialistas da construção megalítica (chamemos-lhes arquitectos) que, entre si, aplicavam, de maneira idêntica, uma apurada técnica de construção.

Para vislumbrarmos de que modo terá ocorrido a criação dos modelos arquitectónicos megalíticos - como o da anta grande - não dispomos de muito mais material escavado e adequadamente datado do que aquele sobre o qual os Leisner construíram as suas teorias, há já cerca de 50 anos. As datas 14C recuadas para as antas da Beira Alta — onde o modelo, segundo Leisner & Ribeiro (1968: 62), poderia ter nascido — mostram que ele

era ali usado pelo menos na primeira metade do IV milénio a.C. O inventário dos horizontes de uso iniciais é ali semelhante ao das antelas de câmara alongada do Noroeste alentejano e levou V. Leisner a incluir as antas grandes logo na sua fase IIa do Neolítico português, i.e., para ela (1966), a mais antiga fase "megalítica" do Ocidente. Também pequenas câmaras de sete esteios, planta poligonal alongada, quase subcircular, e corredor curto revelaram no Alentejo níveis selados com idêntica combinação de artefactos — ex. Texugo 2 (Elvas): machados polidos, lâmina, micrólito, conta de pedra verde, num horizonte sepulcral colectivo, sem cerâmica. No conjunto megalítico de Évora, a Anta Grande do Zambujeiro mostra um contexto semelhante: segundo Pina, que escavou o monumento nos anos Sessenta, o nível inferior continha apenas micrólitos, machados de pedra polida e contas de colar; este nível estava selado pelo esteio C2 que, aparentemente pouco depois da construção da anta, cairia para o interior da cripta, o que não impediu que o monumento continuasse a ser usado; só nos níveis superiores (sobre C2, tombado aproximadamente na horizontal, e cerca de 1m acima do chão da câmara) se encontravam os ídolos-placas de xisto, a cerâmica e as pontas de seta, maioritariamente de base côncava; muito mais acima, o nível da Idade do Bronze incluía um enterramento de cócoras, acompanhado por uma faca curva de cobre. Com isso, os horizontes com ídolos-placas recebem cronologia relativa que só pode ser posterior à criação do modelo da anta grande, e, a meu ver, contemporânea dos horizontes caracteristicamente calcolíticos da segunda metade do IV milénio a.C. (de Monte da Tumba, S. Brás I e Santa Justa, por exemplo: para datações v. Kalb 1989). Do meu ponto de vista, o impacte das datações dos contextos da Beira Alta (e, por analogia, da Anta Grande do Zambujeiro) não fez apenas recuar a cronologia das antas grandes relativamente aos horizontes com ídolos-placas de xisto: o que fez sobretudo foi ampliar a cronologia das antelas de câmara alongada do NO. alentejano, cuja colocação sistemática sempre no início das séries megalíticas não tem qualquer razão de ser. Por sinal, os parâmetros cronológicos alargados ficam mais de acordo com a posição periférica e sobre solos pobres que as antelas ocupam no padrão geral de distribuição dos megálitos alentejanos e algarvios e com a situação de satélites de antas grandes, que se observa no Crato e em Évora.

Pelo contrário (e contra os conceitos de Leisner 1966-1967), as datações TL (Whittle & Arnaud 1975) obtidas para dois pequenos sepulcros de cripta poligonal com vestíbulo coberto do conjunto de Monsaraz — Poço da Gateira 1 e Gorginos 2 — mostram que esse tipo de antas estava já em uso pelo menos na segunda metade do V milénio a.C., datação que contradiz nitidamente a colocação das antas grandes no princípio das séries megalíticas e que faz do conjunto megalítico de Monsaraz o mais antigo do Ocidente.

Ora, neste contexto, não será talvez descabido lembrar que as áreas mineiras do Alentejo — como por exemplo o Campo de Ourique —, até épocas bem recentes frequentadas pelos pastores transumantes da Beira, foram igualmente privilegiadas por grupos de metalurgistas primitivos. Questionar a influência desses metalurgistas na maneira como o modelo da anta grande se incorporou nos rituais "megalíticos" dos pastores e agricultores coevos do Norte Alentejano, só poderá obter uma resposta especulativa (sobre este assunto já por ex. Forde 1930:40; de modo mais explícito e incluindo novos dados Savory 1968: 100). Mas que a "ideia" de espaço funerário subjacente àquele modelo arquitectónico — ou seja, uma cripta mais ou menos circular, servida por uma longa galeria de acesso dificultado (completamente diferente, portanto, dos vestíbulos cobertos típicos dos sepulcros antigos de Monsaraz) — possa ter antecedentes na arquitectura doméstica mediterrânea e na arquitectura funerária atlântica, não é contraditório com as datas 14C e TL com que actualmente podemos trabalhar. Esta ideia é sobretudo reforçada se admitirmos (como Savory 1968: 99) também cronologias altas (e logicamente anteriores aos horizontes com ídolos-placas) para a construção de alguns hipogeus de cobertura abobadada do Baixo Tejo (Carenque 2 tem uma data TL de inícios do IV milénio a.C.) e de alguns sepulcros de cúpula do Baixo Alentejo (digamos: por volta de 4000 a.C.) — opinião que tão-pouco os artefactos recolhidos contradizem — apesar de as datas existentes para o sul e o ocidente peninsulares só a partir de meados do IV milénio a.C. demonstrarem a existência de povoados caracteristicamente calcolíticos, fortificados com torres e bastiões circulares.

Nos seus escritos, os Leisner colocaram quase sempre os mineiros e metalurgistas em contraste com os pastores e agricultores. Hoje, parece nítida no registo arqueológico uma diferença entre aquelas comunidades para quem a Etnoarqueologia imagina uma organização social mais complexa, com os seus povoados de acentuado sabor mediterrâneo e as suas necrópoles concentradas, e as outras comunidades, mais atlânticas, que usaram recintos de fosso e paliçada e necrópoles dolménicas dispersas. Na abordagem desse "caldo de culturas" que foram o IV e o III milénios a.C., convém não esquecer como, pelo menos a partir da Idade do Bronze final, toda a zona mineira do Sul funcionou durante milhares de anos como hinterland, possuidor de uma forte personalidade cultural, em contraste com os grupos mais aculturados do litoral e dos portos fluviais.

### **Resultados dos trabalhos de escavação da Mamoia 1 de Madorras (S. Lourenço de Ribapinhão, Sabrosa).**

A. Huet de Bacelar Gonçalves  
(Instituto de Antropologia da Fac. de Ciências do Porto)

A ocupação humana de algumas das chãs localizadas na parte setentrional do concelho de Sabrosa remonta, seguramente, aos tempos pré-históricos, uma vez que, há cerca de cinco milhares de anos, alguns daqueles pequenos "plateaux" foram habitados por povos construtores de monumentos megalíticos.

A existência de dólmens neste concelho, mais precisamente na freguesia de S. Martinho de Anta, é conhecida desde 1900, através de uma curta notícia de Henrique Botelho publicada em "O Arqueólogo Português". No entanto, só a partir de 1983, com a realização da 1ª campanha de escavações da Mamoia 1 de

que possam prejudicar possíveis análises no futuro. Por exemplo: molhar as pinturas paravê-las ou fotografá-las melhor.

Evitar sempre que possível tocar a superfície da rocha, isto quer dizer que lavagens ou limpezas devem ser limitadas ao mínimo indispensável. Decalques ou levantamentos directos devem ser evitados no caso das pinturas (por causa da electroestática, da contaminação dos pigmentos, etc.) optando-se por técnicas de levantamento fotográfico (Daylightflash, Fotogrametria-estereocópia, método Aral, etc.). O decalque com plástico feito em gravuras em bom estado de conservação parece, por ora, excluir qualquer efeito negativo, mas na maioria dos casos um desenho feito à escala 1:1 a partir de uma boa fotografia usando as técnicas atrás referidas, dá igual, senão melhor resultado (a fotografia nocturna pode ser, às vezes, um excelente auxílio). Qualquer tipo de método que tenha por finalidade evidenciar as figuras aplicando sobre a superfície qualquer tipo de produto deve ser totalmente excluído. Gesso, ou outra forma ou tipo de tinta, não deve ser utilizado, e tratamentos da superfície da rocha, como o chamado bicromático, completamente abolidos.

Todas as modificações do ambiente "natural" da rocha devem ser estudadas com atenção. Cobrir, por exemplo, de terra uma rocha para protegê-la pode causar um verdadeiro colapso da superfície e resultar muito pior do que deixá-la à mercê dos agentes atmosféricos.

Estamos conscientes que muito do que dissemos pode parecer ridículo. Todos nós sabemos como os níveis de chuva ácida são cada vez mais assustadores ou como na maioria dos casos muitas das gravuras ao ar livre "sofreram" todo o tipo de "tratamentos" no passado. Temos conhecimento, por exemplo, que até há pouco tempo, nos Estados Unidos, se usou gasolina para "ver" melhor as pinturas, que na Valcamónica se utilizou o sal e o vapor para matar os líquens e limpar as rochas, que na Índia muitos pesquisadores utilizaram água mineral para pulverizar as pinturas ou que em diversas zonas do mundo se pintaram rochas com cal ou tinta plástica!

São diversos os investigadores que, por seu lado, se têm mostrado muito preocupados com a chamada "febre das amostras". Ninguém sabe com exactidão o que acontece à superfície de uma figura pintada à qual foi retirada uma pequena amostra (note-se, por exemplo, que a quantidade de pigmento retirado para uma análise de C-14 AMS é, em casos extremos, de 100 mg, mas já se obtiveram resultados com apenas 0,1 mg) e muitos pesquisadores são de opinião que tais análises devem ser feitas só em casos muito especiais.

Todas as amostras de pigmentos com sangue humano recolhidas até agora não foram, pelo que sabemos, analisadas no que diz respeito ao código genético (DNA) mas tal procedimento, certamente, realizar-se-á num futuro próximo. Tendo em vista tal facto, os especialistas aconselham a que se evite não só tocar, mas também fumar, ou até tossir, perto de um possível "objecto" a analisar.

Mas o mais importante é, como sempre, deixar o trabalho nas mãos de quem está preparado e principalmente actualizado com o progresso feito pelos novos métodos de levantamento, catalogação e datação.

## A biodegradação do granito nos monumentos megalíticos: a acção dos líquenes

Andrea Rattazi  
(Università degli Studi de Bologna)  
Paula Romão  
(Museu Monográfico de Conimbriga)

## Processos de degradação dos monumentos megalíticos e perspectivas para a sua conservação.

J. Delgado Rodrigues  
(Laboratório Nacional de Engenharia Civil.  
Projecto STEP CT90-110- "Conservation of granitic rocks with application to the megalithic monuments").

A exposição dos monumentos megalíticos, em particular dos que foram previstos para estar enterrados, aos agentes atmosféricos, quer por via da erosão natural, quer em consequência das escavações arqueológicas, deixa as rochas em condições de grande vulnerabilidade. Os processos físico-químicos são acelerados e a degradação pode atingir taxas de evolução alarmantes.

O estudo dos processos que actuam nas rochas expostas e a estimativa das taxas de degradação são extremamente relevantes para a definição das medidas a tomar para retardar a progressiva deterioração destes monumentos e só um grande esforço de investigação e uma clara vontade de intervenção poderão salvar este valioso património.

O autor dará conta dos estudos que estão a ser realizados sobre estes pontos no âmbito do projecto STEP e que visam a conservação dos monumentos megalíticos construídos com rochas graníticas, fazendo a apresentação de alguns resultados já disponíveis.



**FOTOCOMPOSIÇÃO  
OFFSET  
LABORATÓRIO DE  
SELECÇÃO DE CORES  
LIVROS  
REVISTAS  
JORNais  
CARTAZES  
POLICROMIAS  
ROTULAGEM  
ESTAMPAGEM**

**EDEN GRÁFICOLDA** ARTES GRÁFICAS

RUA DOS CASIMIROS, 5 a 21  
Telefs. 42 50 32 / 42 50 48 — Telefax 42 26 17 — Apartado 47 3501 VISEU codex

# UMA PRESENÇA CONSTANTE no mundo rural

desde 1911



EFICÁCIA E RAPIDEZ DE RESPOSTA  
AOS DESAFIOS DA MODERNIZAÇÃO  
DA AGRICULTURA E DAS AGRO-INDÚSTRIAS  
  
DISPONIBILIDADE PERMANENTE NO APOIO  
À EMPRESA FAMILIAR AGRÍCOLA  
E AO BEM-ESTAR RURAL

CAIXA CENTRAL  
Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo, C.R.L.

CAIXAS DE CRÉDITO AGRÍCOLA  
430 balcões no país